

# Mais Sobre Automatismo

Uma Conferência dada por L. Ron Hubbard  
em 8 de Dezembro de 1952

Esta é a segunda hora do dia 8 de Dezembro, á tarde, continuando com automatismo.

Você verá o automatismo em acção numa coisa criada por, como alguém disse, mais alguns ressaltos. O facto que há... você... você diz: “certo, agora ponhamos esta bola de bilhar no centro da sala, e o tipo põe-a no centro da sala, mas primeiro bateu nas quatro paredes. E há... ele é... ele vai... a menos que você inspeccione o que ele está a fazer bastante de perto, continuamente, é capaz de o apanhar a fazer a ele próprio este tipo de truque automático. Ele... ele viu a bola de bilhar bater e depois ir para o centro da sala e então disse para si próprio: “bem, eu queria que ela fizesse isso”. E ele enganar-se-á a si próprio durante muito tempo, desculpando estas inabilidades e dizendo que fazia parte da sua intenção... e ele na verdade engana-se a si próprio dizendo a si próprio que é assim mesmo.

Só quando você o manda esclarecer a forma como a bola de bilhar foi da parede mais próxima dele para o centro da sala e não para outro lugar é que ele repara de repente que está a fazer isso demasiado automaticamente. Então ele... ele descobre... ele vai... ele terá que se pôr a trabalhar nisso. Ele vai pôr a bola de bilhar um pouco para a frente e para atrás e para a frente e para trás e por aí fora. E de dois em dois segundos... bem, a bola está sujeita a repentinamente saltar para cima, bater no tecto, bater na parede mais distante e então voltar ao seu lugar. E ele é confrontado com o facto de que não está a fazer a bola de bilhar fazer isso. Ele já não se pode enganar.

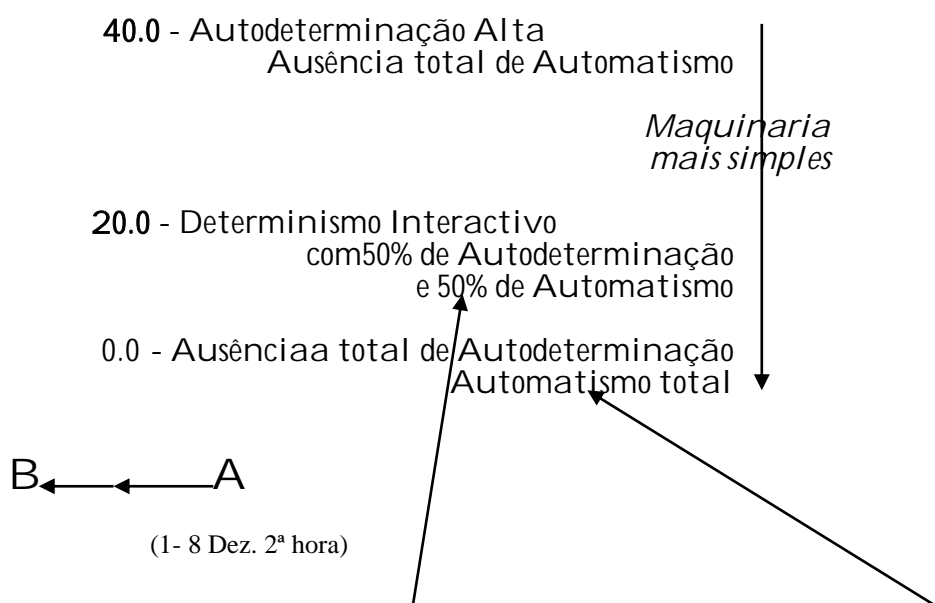
Agora trata-se de uma manifestação de automatismo. Há... outro comentário interessante surgido aqui durante o intervalo é o... o facto de essas coisas que se apresentaram automaticamente há... podem ser difíceis de manejar quando o incidente... ou o mock-up desaparece. Os aspectos automáticos do incidente não desaparecem tão rapidamente.

Logo, quando você está a obter uma grande persistência nos incidentes, se inspeccionar o que o preclaro está a fazer verá que é o próprio automatismo que não desaparece. Não pediu para vir e não se vai embora quando lhe é pedido. Entendem isso? Não pediu para vir e não foi embora quando instado. Você diz-lhe para se livrar dele, e são feitas várias outras coisas e mais um par de novos ingredientes e a coisa toda desaparece excepto os ingredientes que não foram chamados.

Como exemplo disso... como exemplo disso, tomemos a bola de bilhar outra vez. Ela bate nas quatro paredes e por aí fora, e quando desce é uma bola de bilhar azul. Mas ele moveu uma bola de bilhar branca da forma que era suposto movê-la. Você vê, o momento em que lhe disse para mover aquela bola de bilhar da parede para o centro da sala, bem... este outro factor estava há... presente. A bola de bilhar foi vista saltar para cima ao mesmo tempo, bater na parede e voltar, e está ali em baixo. Há... mas ele não... ele ignora isso. Ele... ele viu

isso acontecer, mas ignora-o. E agora de súbito você diz-lhe: “certo, fá-la explodir ou desaparecer” e você olha para baixo e ele verá uma bola de bilhar azul. E a bola... a bola de bilhar azul que surgiu quando isso não lhe foi pedido, às vezes também não desaparecerá quando isso lhe for pedido.

Agora quando desenha, hã... esta escala de automatismo você está realmente a desenhar uma escala de autodeterminação. Aqui no topo tem 40.0. Você tem uma autodeterminação alta. E aqui em 20.0 tem determinismo interactivo que em si mesmo é acção. Determinismo interagindo com... 50% autodeterminado. Um número muito por alto. E aqui em baixo em 0.0 temos uma falta total de autodeterminação. Agora nós podemos pôr lá... nós descobrimos ali uma falta total de automatismo.



E você tem aqui 50%, e os outros 50% de automatismo. E aqui tem automatismo total.

Agora a razão porque o seu thetan pode descer abaixo de 0.0 é apenas o facto dele ser hã... de ele funcionar em automatismo total. De zero a menos 8.0 o thetan funciona em automatismo total. Tudo está a ser feito para ele pelo corpo, e através de outros corpos. É claro, quando obtém automatismo total, você obtém não-entidade total, logo ele parece nem sequer ali estar, e não sabe que está ali, e não saberia o que fazer a respeito disso.

Um dos exercícios mais interessantes é demonstrar ao thetan que ele está a manejar o corpo, de facto, com a sua própria energia. Quando o impulsiona e ele faz qualquer coisa (já está a dizer que é o corpo que o faz e assim sucessivamente) é um... realmente uma dissimulação, uma tremenda dissimulação.

Aqui você tem um thetan presente no corpo e ele é tudo aquilo que o preclara sempre será, e contudo negou totalmente qualquer forma como tal. Isto é o... o espanto dos espantos. Este é o enigma deste lado particular do universo. É como você poder ter alguém com uma presença negativa e... e contudo existir. Existe num grau de tal maneira tremendo que por milhares e milhares de anos o Homem *acreditou* totalmente que a sua alma era algo diferente dele, porque ele próprio não estava lá. Ele era um corpo e por aí fora. Ora, por isso eles tiveram que conceber várias maneiras, eles... eles sabiam que isto ia a algum lugar e não sabiam bem *quem* eram, mas tinham uma fé permanente de que isso existia. E isso era praticamente

só o que mantinha o Homem a andar para a frente, era o facto de: “eu apenas não paro. Hã... alguma coisa da minha parte continua a andar”.

Agora o que nós estamos a fazer aqui é trazer aquela entidade, o único ser que o preclaro sempre será, à entidade, e elevá-lo acima do nível 0.0. Bem, a maneira mais rápida que eu conheço de o elevar acima do nível 0.0... eu disse: “bem seguimos todos estes ciclos de acção” é... é devolver ao thetan algumas das suas próprias funções no manejo do corpo. Isto faz uma diferença formidável para ele. Hã... ele... ele... ele obtém uma tremenda diferença... o sentimento disto.

Agora tomemos isto mesmo... tomemos o caso onde você diz ao tipo: “fica meio metro atrás da tua cabeça” e ele fica meio metro para trás da cabeça. E você diz: “certo, move-te para trás até à parede”. Certo, ele faz isso e você move-o para cima, para baixo, move-o para aqui, move-o para além. Fica aqui, vai para além, faz isto, faz aquilo, lança um pequeno raio de energia e faz isto...

Um das coisas mais estranhas que você pode fazer com um preclaro... digamos que ele está sentado numa cadeira. Ele põe as mãos nos braços da cadeira, você diz-lhe para ir apanhar um dos dedos do corpo. Ele está totalmente acostumado a manejar o corpo. Pode manejar o corpo de longe... a propósito se você omitir este passo, a oportunidade de conseguir que ele abra gasosas, e assim sucessivamente, são bastante fracas, porque você não o restabeleceu a ele... Ele pensa... ele pensa nalguns... que alguma coisa deve abrir a gasosa por ele. Ele pensa que isto deve acontecer primeiro. Hã... outrem deve fazer isso, isso é automatismo, estão a ver?

Outro deverá remover o papel. A mão do corpo deve mover a gasosa, a mão do corpo deve remover o papel. Logo você apenas elimina isto... o... elimina-o nesta base, e depois de o ter exercitado de numerosas maneiras, mock-ups e esse tipo de coisas... não omita este passo. Mande-o manejar o corpo, exterior ao corpo e sem usar as linhas de comunicação dele próprio com o corpo ou as suas respostas automáticas. Mande-o ir e apanhar um dos dedos do corpo.

É uma experiência interessante para o preclaro. Ele... as mãos estão nos braços dessa cadeira, ou para fazer isso até mais fácil, ponha a mão dele numa mesa e diga-lhe: “agora, de fora do corpo, vai à mão e apanha um dedo”. E ele bufará e ficará tenso e largá-lo-á e desestabilizará e dará por si a andar para trás em todo este tipo de coisas e ficará muito transtornado. E, de súbito ele... você verá que um dos dedos em que está a trabalhar se moverá de repente.

Possivelmente não o apanha todo de uma vez. Ele deslizará para o lado ou algo assim, e ele dirá: “Aahh”. Faça-o persistir nisso com a sua PRÓPRIA energia, com os seus PRÓPRIOS raios... a sua PRÓPRIA energia e os seus PRÓPRIOS raios. Faça-o apanhar aquele dedo, faça-o apanhar outro dedo, faça-o cruzar dois dedos, faça-o pegar num dos dedos e estalar... estalá-lo contra a mesa.

Finalmente leve-o ao ponto de apanhar a mão e deixá-la cair outra vez com ruído! Basta mandá-lo enrolar um raio ou dois nessa coisa, e de facto apanhar aquele dedo usando força, energia. E içá-lo para cima de andas e por aí fora. Ele... ele de facto... às vezes fica tremendamente complicado quando tenta apanhar aquele dedo pela primeira vez.

Você vê, se ele diz ao dedo para se mover... com certeza que está a usar as suas velhas cristas já instaladas na energia do corpo para fazer mexer o dedo. Isso não é truque, mas se ele sai fora e fica sobre essa mão, bem, você pode-o apanhar a fazer coisas como esta: colocar um tripé por cima de um dedo. Colocar o tripé, e depois testá-lo muito cuidadosamente a subir e a descer. Quando ele faz isto a primeira vez descobre bastante frequentemente que quando o tenta levantar, ele baixa. E quando o tenta baixar ele sobe. E trabalha isto de forma a saber em que direcção irá.

Então ele fará coisas tais como colocar-se acima do dedo, dará uma laçada um... uma linha de energia tensa debaixo do dedo, e então, de repente, faz expandir e alongar as pernas do tripé. E ele irá alongá-las cada vez mais. Muito frequentemente descobrirá que as pernas do tripé entrarão pelo topo da mesa dentro. Não ficarão no topo da mesa. Eles penetrarão na matéria.

Isto porque falhou muito naquele incidente conhecido como transferência. Ele tinha um raio, em... ele tinha um raio compressor na cabeça de alguém e então alguma coisa aconteceu à pessoa, o raio tractor o puxou-a para dentro e o raio compressor não conseguiu segurá-la. Logo, começou a pensar que o seu raio compressor é muito fraco e que atravessará a matéria.

Bem, basta que pratique nisso, e ele finalmente descobrirá este facto surpreendente: “Tudo o que tenho a fazer é mudar o postulado de que isto segurará, e acreditar, e segurará”. Ele descobrirá isso. Ele dirá: “bem, quem diria?”. Certo, e ele colocará este tripé sobre o dedo e ele trabalhará, e ele mourejará, e ele suará. E a primeira coisa que você sabe é que ele dirá... ele mexerá o dedo. Trabalhará nisso até o dedo ser movido.

Agora mande-o trabalhar a mão toda e deixá-la cair. Ele é... ele acha cada vez mais fácil fazer isso. E então finalmente pode pairar praticamente no ar, sem estar apoiado em nada, e por aí fora. Ele pode de facto lançar um raio e levantar a mão no ar e deixá-la cair outra vez.

Agora, treine-o a fazer alguma coisa que os thetans nunca foram treinados a fazer. Pôr aquela mão a escrever com raios. E o dia em que você fizer isso, nesse dia ele deixa de ter qualquer dependência do corpo para comunicar. De fora do corpo, faça-o de facto mover essa mão até escrever de forma legível.

Agora é uma coisa interessante que ele possa manejar a sua próprio carne, o seu próprio corpo, muito antes de poder manejar qualquer outro tipo de matéria. Isso porque ele está habituado a ele (corpo), porque ele vê que se mexe e porque ele o possui e não está sujeito a levar um coice, e muitas outras coisas. Mas você passa daí para uma mão simulada. Basta pôr alguma coisa, uma tábua com um lápis na ponta para fazer pressão, e assim por diante, e ele poderá prosseguir e manejar isso. Vejam lá. Ele realmente pode fazer aquela tábua mover-se e escrever letras toscas. A B C. Ele dirá: “eu posso escrever, eu posso escrever”. E pensará que está a fazê-lo mesmo bem. Ele pensa que está mesmo a fazer maravilhas, e que não seria possível fazer melhor, até que você diz: “certo, agora pega no lápis. Pega no lápis e agora escreve directamente com o lápis”.

Compreendam que ele tem que ser treinado a fazer isto quase perfeitamente com a sua própria mão antes de sentir alguma confiança, no segundo passo, de mover uma tábua e um

lápiz. Você vê uma tábua com um lápis espetado, de forma a que o segure. Ele pode... ele vai... ele consegue finalmente manejar isso, porque é um mock-up do seu braço.

Agora você apenas lhe diz: “certo, apanha o lápis. OK. ‘apanhaste-o? Muito bem, escreve com ele”. Eh pá, ele atrapalhar-se-á, e o lápis cairá, e ele erguerá tripés e gruas e tudo mais, por toda parte, outra vez... tudo formas complicadas. E obterá as respostas dele, e reflexos, e ficará tudo enredado de novo. Mas, de súbito, ele pode escrever com um lápis. Pode mover um lápis e fazê-lo escrever.

A propósito, ele está a um passo de pegar numa tocha e escrever alguma coisa a fogo numa parede. Só a um passo. Mas é um passo muito essencial de clarificação, porque, por deus, olha o que este thetan fez no plano do automatismo. Ele foi para um ponto de automatismo em que depende de um objecto MEST, um objecto material, para fazer toda a comunicação por ele, e se você pede a alguém para deixar de comunicar em qualquer lugar com qualquer pessoa numa forma aceitável, você pediu-lhe praticamente para se deitar e morrer. Porque quando lhe pediu para se livrar da sua linha de comunicação, você pediu-lhe para se livrar de todos os amigos e de tudo o que ele ama. Não se pode pedir a um homem que faça isso. Certamente que não em nome da terapia e processamento. Logo, lembre-se que uma muito, muito importante coisa a reabilitar é a capacidade de comunicar sem depender do corpo para que ele o faça automaticamente. Logo o lado mais duro do automatismo é a dependência de qualquer outra coisa para comunicar.

Agora se você quer um escritor em má forma ... se quer um em má forma, você descobre-o ali sentado ele... ele... ele... ele tem uma máquina de escrever Oliver 1912. E só tem matraqueado nela e... perfeitamente certo, é um grau de automatismo a que ele está acostumado... é um pouco duro manejar esta máquina velha. A cópia parece um pouco enxovalhada. Insista para que ele obtenha uma máquina de escrever nova a fim de escrever mais facilmente. Zumba-zumba-zumba-zumba-zumba. Como exterminar os concorrentes? É dar-lhes máquinas de escrever novas. Eles encontrarão algo errado com esta máquina nova, e encontrarão isto e aquilo, e ele decidirá que terá que obter uma máquina mais nova e melhor, e continuará nessa linha a partir daí. E obterá máquinas de escrever cada vez mais sofisticadas para tentar resolver isso. Mas ele está a trabalhar exactamente o... com um erro de 180°. Ele está a trabalhar com um erro de 180°.

Aquilo de que ele se está a tentar livrar é o automatismo, que está a interferir com o seu próprio processo criativo. E era muito melhor, de longe melhor, ter aquela Oliver 1912, que dava muito trabalho. Quando ele a abandonou e começou a fazer coisas mais fáceis, meteu-se em grandes sarilhos. E depois é o... o que é que está nesta curva? O que é que está nesta curva (isto está dentro de limites, entendem?) o que está nesta curva é maquinaria mais simples.

É bastante notável que muito cedo na banda... bastante notável que um thetan deixou de usar a sua própria energia para o trabalho policial. Há muitas razões para isto. Ele deixou de a usar para o trabalho policial. Deixou de a usar para mover objectos materiais. A próxima coisa que você sabe é que o encontrará a usar uma arma que não produziu nem de longe o que ele poderia produzir nativamente em termos de energia.

Você encontra-o a usar uma arma, ou utensílios de raios e todo o tipo de bugigangas, que são substitutos da sua própria potência. Ele está praticamente acabado quando começa com isso. Mas isso é uma manifestação secundária, não é uma manifestação primária.

A manifestação primária da coisa é quando ele... quer dizer isto... é... é... vem logo a seguir a quando qualquer outra coisa aconteceu. Ele começou a usar comunicação automática. Começou a ter comunicação *feita* para ele de uma maneira ou de outra. A primeira coisa que começou a usar, para a tornar mais automática, mais fácil e mais positiva, foi energia. Essa foi a sua primeira asneira. Começar a usar energia. Não tinha nada que usar energia.

Mas ele teve que aceitar a responsabilidade por comunicar numa linha que se poderia confundir com postulados. Fazer uma declaração que comunicasse e então, você vê, ele... ele perderia a capacidade de diferenciar entre um postulado e uma declaração de comunicação. E aconteceriam coisas à sua volta que ele pensou que não deveriam acontecer, estão a ver? E um pequeno desastre, ou uma ou outra coisa que ele considerasse como tal, ocorreria, e ele recuaria e diria: “já não posso confiar nesta meramente declarada invasão atmosférica. Já não posso simplesmente confiar em dizer alguma coisa que eu sei que outrem então saberá. E a razão porque não posso confiar nisso é que...” uma das razões é porque ele deixou de confiar na sua recepção. Logo ele disse: “façamos isto positivo. Usemos energia. Laçaremos um raio e colocaremos uma comunicação no raio. E o raio levará a comunicação”. Então saberão que é uma comunicação porque há ali um raio.

Pode também ser um telegrama em branco da União Ocidental (Western Union), já se vê, e então ele... depois de algum tempo diz: “Todas as comunicações têm que viajar num raio de cima abaixo”.

E então, depois de algum tempo, ele descobriu que aquela energia deste universo dá um coice terrível. E descobriu que os raios vão na direcção oposta à que ele quer. E onde é que ele vai acabar? Acabará por pôr uma moeda na Companhia dos Telefones só para dizer a alguém lá em casa que vai chegar tarde para o jantar. Foi-se abaixo.

Agora tem uma dependência mais alta do que isso. Começou a depender de energia para ter sensações. E quando começou a depender de energia para ter sensações, nós obtemos outro automatismo que é altamente indesejável. E esta “energiodependência para sensação” significava isso. Deve... deve então ser usada energia para produzir o efeito de uma...

Se a pessoa quisesse ser efeito de alguma sensação, então a sensação teria outra origem que não ela própria. Estão a ver? O tipo está num lugar, e ele está aqui em A e põe... ele quer uma sensação de B. Logo puxa uma linha de B de volta aqui para A e a linha vai naquela direcção.

Bem, agora você está a olhar para o gráfico de energia de causa e efeito. B, neste caso, é efeito, e hã... perdão, B é eleito causa porque B tem a sensação para entregar e A elege-se então a si próprio efeito. Peça ao seu preclaro para estender uma linha de comunicação. Peça-lhe que ponha uma ponta da linha de comunicação nele próprio e a outra noutra pessoa, e quem diria? A maioria dos preclaros pô-la-á primeiro no outro objecto e depois nele.

Você diz: “em quem puseste a ponta primeiro? Oh, puseste-a no outro objecto, hã?” Bem, não lhe diga mais do que isso. Você sabe simplesmente que este rapaz tem que ter muito exercício. Ele é... é a manifestação pela qual ele demonstra que se elegeu a si próprio efeito quanto a comunicação e sensação.

Então ele tem uma sensação recebida de algum objecto e chegará gradualmente a um ponto em que, à medida que desce na escala de tom, ele se tornará efeito de qualquer linha. Ele tornar-se-á efeito de qualquer linha de energia, e não será causa em qualquer destas linhas.

Certo, se for o caso, o que é que acontece? Ele eleger-se-á como efeito em qualquer raio de energia que surja em qualquer lugar, quer seja um raio de força ou de qualquer outro tipo. Por isso ele fica assustado com qualquer força. E deixará de usar força.

Agora está muito bem que o seu preclaro diga: “bom, está bem, vou reabilitar apenas a minha ideia, hã... vou então reabilitar apenas minha capacidade de pensar nestas coisas e tudo será depois disso doçura e luz”. Temo que não seja o caso. O caminho de saída é através.

Embora você o encontre num estado em que ele só pode comunicar uma ideia, não importa a bondade das ideias, não importa quão profundas, porque você vê que o seu próprio carácter não está muito envolvido nisto. O que está envolvido nisto é o seu âmbito de acção.

E se você aumentar o seu âmbito de acção, terá que reabilitar a sua capacidade de manejar energia, porque ele fez um número enorme de postulados segundo os quais não pode fazê-lo. Logo nós temos muitos IMPOSSÍVEIS que teremos que transformar em POSSÍVEIS antes de, com completa liberdade, ele voltar àquela posição invejável de poder meramente pensar numa ideia e recebê-la. Agora você tem que passar através disso. Você tem que passar através disso e não simplesmente saltá-lo.

Então, automatismo. O que é o automatismo? O que é... o que poderia dizer-se do denominador comum que está entre quarenta-ponto-zero e zero-ponto-zero neste universo? Energia! Já viu um tipo com o nome de Quilowatt Pronto? Certo, ele é o diabo deste universo.

A Energia trabalhará para si. Tudo feito para si. Os objectos de MEST são de facto energia condensada. Objectos de MEST trabalharão para si. A energia trabalhará para si. Você próprio não tem que fazê-lo. É tudo automático. Tudo automático. Tudo automático.

E a capacidade de uma pessoa para usar e originar energia em... lá em cima no topo da escala, diminui na medida em que, infelizmente, ele utiliza energia. Ele entra e fica cada vez mais dependente de energia e cada vez mais abaixo na escala. Energia, energia, energia, energia.

O denominador comum do automatismo é então energia. E o fim de todo o automatismo é tornar-se objecto, que é energia condensada.

Acima deste nível podemos ter... o thetan pode manejar isto em termos de espaço. Podemos ter espaço sem ter energia. Podemos ter objectos de nível theta que não são compostos de energia. Interessante!

A Energia é um bom sistema e uma boa teoria, e todo esse tipo de coisas. Agora que você tem uma chave do que é a energia e como os seus... são os seus riscos, e como reabilitar

um indivíduo que através do uso de energia entrou nesta curva de automatismo e está a bater no fundo, você pode continuar a usar energia.

Eu costumava dizer às pessoas: “ora muito bem. Nesta combinação overt-motivador, quero que tenham muito cuidado com overts e motivadores. Quando você comete um overt... quando você comete um overt contra alguém, dá cabo de alguém ou algo assim, e por aí fora, percorra-o!

É o mesmo com o uso de energia. Corra-a fora. Em primeiro lugar as sensações que entram via energia não são sensações de alto nível. Existem sensações de alto nível independentes da energia. Há todos os tipos de coisas independentes da energia.

Mas o tipo que aprendeu a usar energia e deu por si empurrado, aos encontrões, atirado para dentro deste universo e que agora mesmo está sujeito à energia solidificada por todos os lados, esse indivíduo... esse indivíduo aprendeu de certeza a usar melhor a energia, porque caso contrário não irá sair daqui.

Mas espaço, é claro, é um critério acima de energia. Espaço está lá em cima em quarenta-ponto-zero. Espaço é entidade (beingness), e o seu preclaro também tinha esta coisa horrível no fundo da escala. À medida que ele entrou pela escala abaixo no uso de energia, ele acabou finalmente sem espaço e não notou. Ele não notou este ângulo de espaço que esteve todo o tempo à espreita na retaguarda.

Mas é claro... entidade, e entidade é dependente de espaço. Espaço é entidade. Entidade é impossível sem espaço, logo se o seu thetan não tem espaço, ele não tem qualquer entidade. O corpo ocupa o espaço que o thetan pensa que está a ocupar. O corpo está então a ocupar, por isso, o lugar onde... o espaço onde o thetan deveria estar, logo, é claro, o thetan não tem qualquer entidade. É o corpo que tem a entidade e não o thetan.

Certo, vindo para baixo nesta escala de automatismo, invisível e escondido atrás deste declínio no uso de força, está: criar espaço, todos os tipos de espaço, muito espaço, manejar espaço, e logo abaixo na escala aqui, cada vez menos espaço, cada vez menos espaço, cada vez menos espaço, cada vez menos espaço, cada vez menos e então, vejam lá, qualquer espaço que eu poderia ter, está ocupado por alguma coisa ou por outrem.

Negativo... conceitos negativos de espaço. Não só, não só eu sou... eu estou aqui, mas qualquer outra coisa está aqui. Uma qualquer outra coisa é mais útil porque é composta de energia. Energia é Deus. Energia é rei. E o Deus deles é só isso. Já se sabe, o sujeito está lá no fundo da escala de tom. É energia... energia e ele baixa de súbito a este conceito onde diz: “bem, eu não posso estar aqui porque é suposto estar naquele espaço, e o corpo está a ocupar esse espaço”. Um grande disparate.

Agora há alguma coisa a... há um truque interessante nisto. Você põe um thetan a começar a usar as “mãos”, as mãos postuladas dele. E como é que acha que ele move um braço? De qualquer maneira ele tem um raio. Há uma dúzia de maneiras de enganchar estas coisas. Mas ele terá um raio que vai para vários depósitos de energia, e que dá a este braço acção e inacção. Agora ele pode ter este braço equipado de forma a ter este corpo num sistema de pistão. Ele... ou ele tem-no num sistema de activação de cristas. Existem alguns destes sistemas. Você poderia divertir-se em grande. Um engenheiro poderia ter mesmo todos os tipos de



diversão estudando os vários sistemas do corpo que vários thetans estão a usar, porque nem todos estão a usar o mesmo sistema.

Certo, nós temos... mas é que todos os thetans ainda têm a potencialidade de pôr um raio de energia por cada braço abaixo. Consiga que ele faça este pequeno truque esquisito. Mande-o pegar nesses raios e passar por todo os movimentos necessários a mover o braço dele, sem o braço se mexer. Ele sentir-se-á estranho por um instante.

Ele... você diz: “certo, agora obtém toda a sensação necessária para mover o braço 3cm”. E a primeira vez que ele faz isso ele vai... ele obterá um estremeção no braço. Poderá finalmente ter os raios, que está a usar, livres para o seu próprio uso. É muito interessante.

Faça-o mover um braço para dentro e examine um dos seus próprios raios virando-o. Passando pelas mesmas acções ele chegará ao ponto de virar o braço. E ele move-o para dentro, move-o para trás, move-o de um lado para o outro. Ele pode apanhá-lo em qualquer momento, mas este braço está a ficar... o braço MEST está a ficar cada vez menos real para ele. E este raio está a ficar um pouco mais real para ele. E ele diz: “Isto é muito... muito estranho,” e porá estes raios para dentro e outra vez para fora e é... vai através do mesmo... como se estivesse a postular a acção muscular de um braço, mas que, de facto, ele move o raio e não o braço.

E você trabalha com isto algum tempo tipo um pedacinho de cada vez. Ou a coisa que move o dedo... agora move-o sem mover o dedo. E ele achará que eles são... eles (raios) estão a estoirar nos lugares mais estranhos. Alguns deles... bem quando ele consegue um raio aqui, quando começa a mover o dedo, ele está a manejar aquele braço todo desde lá de cima do ombro. Às vezes é de facto no dedo. Às vezes é aqui e ali, mas você move as mãos dele para dentro. Mande-o olhar para elas e fechar os olhos. Ele achará que são bem imperceptíveis. Às vezes ele dirá: “aooo, oh não,” porque ele teve um implante policial que lhe provocou mãos horríveis, funções corporais horríveis. Ele pensa que anda está naquele corpo.

Você compreende, é claro, que é só um fac-símile do corpo, da mesma forma que ele tem fac-símiles de corpos anteriores. Não é realmente o corpo dele em absoluto. E hã... nem a capa do homo sapiens é o corpo dele.

Você manda-o mudar as mãos dele para dentro, e olha para elas. Verá que com muitos preclaros é totalmente desnecessário, e eu estou a falar agora de um preclaro que está preso ao corpo. Você não o pode tirar para fora, ou algo do género. Mande-o mover as mãos para dentro. Inverta-as, mova-as deste modo, mova-as daquele modo até que ele as possa mover selectivamente sem mover os braços. Faça-as ficar muito nítidas, muito limpas, e se ele sentir... começar a sentir-se nauseado ou... e hã... aparvalhado ou degradado ou algo assim, basta persistir nisso.

Às vezes o seu sentimento de hã... de degradação, se ele estiver muito preso neste departamento, será tal que... você simplesmente nunca presenciou nada igual. Veja lá se degradação é apenas não-entidade e incapaz de usar força, pois é apenas isso. É a emoção de “não posso usar força”. É um “não posso”.

E você manda-o trabalhar com isto de um lado para outro e à volta. Depois manda-o caminhar para a parede e achatar-se a si próprio com esses raios. Depois de trabalhar com as mãos a ponto de poder aplicar potência nas coisas e assim sucessivamente... manda-o cami-

nhar para a parede e achatar o corpo. Ele descobrirá que obteve mais potência desses raios do que dos braços, se o fizer como deve ser. Fica muito interessante.

Então mande-o manter a cabeça imóvel, mas use todos os mecanismos necessários para mover a cabeça dele. Mande-o obter a sensação de mover a cabeça sem mover a cabeça. Sem mover a sua cabeça de MEST. Você terá cristas que vão pong e pang e dores de cabeça que vêm e vão, e o sujeito ficará todo entusiasmado e não sabe exactamente o que é o quê, e como fazer isso. E a próxima coisa é mandá-lo encolher os ombros e deixar os seus ombros MEST onde estão. E ele descobrirá onde está a usar todas estas acções e isso tornar-se-á elementar para ele. E então de súbito ele vai... onde... embora esteja localizado no centro da cabeça, ele simplesmente sairá. Não só isso, mas o thetan sairá, poderia dizer-se, em luta. O thetan sairá num estado em que pode apanhar um livro na mesa e folheá-lo. Isso realmente transtorna as pessoas. Mas você demonstrou-lho a ele.

Agora a maneira errada de manejar este sujeito com quem você está a ter muitos problemas, é tirá-lo cá para fora e descobrir... descobrir o aspecto das mãos dele e que tem uma aversão formidável à energia. É que pô-lo cá fora e ele não poder desenvencilhar-se de qualquer outra maneira... ele apenas entra em apatia e volta para o corpo. Você terá que trabalhar muito mais tempo.

Logo eu poria isto no passo três ou passo quatro. Na dúvida ponhamo-lo no passo quatro. Basta exercitar os raios do thetan enquanto ele ainda está no corpo. É um exercício fascinante.

Certo, você está a superar, enquanto faz isto, o automatismo imposto pelo corpo, e o corpo daquele homo sapiens, cujo thetan está a embrulhar, é uma última linha de automatismo. Quando este corpo está morto o thetan não está lá em absoluto, logo ele sabe que está muito pior do que morto. Então não tem nenhum lugar para onde ir, a não ser apresentar-se de volta a uma pessoa, ou a alguma coisa, e fazer qualquer coisa.

Isto fica então muito interessante como nível de automatismo. A coisa mais automática que existe é um objecto MEST... matéria. Definição de automático: movido por qualquer outra coisa que se move por si própria. Isso... isso... automático significa que se move a si próprio, mas nós estamos a usar automatismo no sentido de ser movido automaticamente por alguma coisa. Hã... nós estamos a usar a coisa de... um elevador de carga é movido por um motor. O motor é a parte automática do elevador.

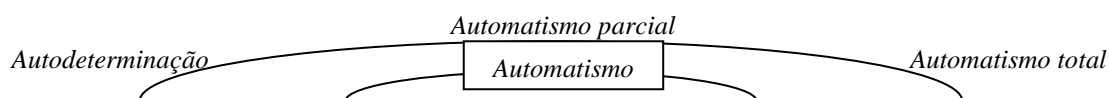
Certo, por isso o seu thetan... o seu thetan está de facto a servir o corpo em vez do corpo o servir a ele. E este é o destino de qualquer robô, em qualquer parte, e embora ele pudesse ter começado por ser um robô com auto-estima, com a corda toda, ele acabará como um servo, porque pode ser manejado e colocado no tempo e espaço por qualquer coisa.

Vejamos o automatismo de uma pedra. O desejo de automatismo da pedra é tal que, de moto próprio, não vai a qualquer espaço ou tempo em absoluto. É precisa toda uma máquina para a mudar de posição. Um homem pode apanhar uma pedra. Agora não cometa o erro de acreditar que é assim tão tremendo o facto de um homem poder apanhar uma pedra. O homem apanha a pedra para um thetan que está num estado mental em que acredita que está a servir o homem. O servo do robô daria a mais interessante historieta das actividades do homem. O thetan tornou-se servo do robô.

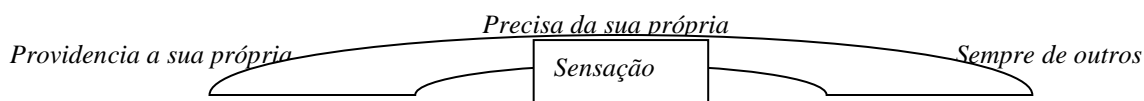
Muito bem, o automatismo, à medida que então se manifesta em geral em ilusões e processamento criativo, assume um novo sentido e um novo significado.

Você vê que se trata da sede do indivíduo de ter coisas feitas para ele. E ao manejar, então, estas coisas, você tem que ter muito cuidado para que maneje estas ilusões bastante simplesmente de forma que as tendências automáticas da ilusão não prevaleçam. Isso age independentemente do comando do preclaro, e isso é muito mau. Significa que o preclaro é servo daquela ilusão, da mesma maneira que o thetan é servo do corpo. E o critério é o nível de serviço que ele está a ser forçado a fazer.

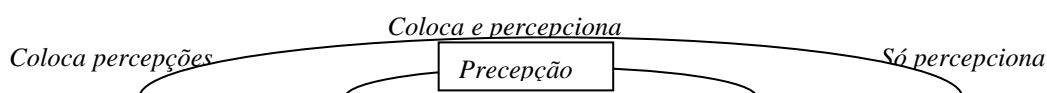
Agora é claro, isto... todo este plano aqui, todas estas escalas concordam muito naturalmente hã... e o automatismo... vai de *autodeterminação a automatismo parcial, até automatismo total*.



E isto parte aqui da escala de sensação: *providencia a própria sensação, precisa da sua própria sensação, e sensação sempre de outros*. Ele não providencia nenhuma sensação. Você tem alguém na escala de tom inferior... eles nem sequer a usam. Não sentem responsabilidade por dar qualquer sensação a ninguém. Não podem dar qualquer sensação a ninguém. E também não o fazem. Logo aquilo seria *automatismo* e isto seria *sensação*.



Agora suas sensações podem ser esquematizadas aqui (gráfico) e hã... a sua realidade aqui é que você está a lidar com um nível de percepção, logo ele *coloca a percepção* outra vez. Aqui ele *coloca e percebe* o que colocou. E aqui ele só *percepciona*, e é uma banda inferior. Isso, é claro, não é percepção. De forma que é percepção. Isso anda de mãos dadas com automatismo. Vai de mãos dadas com sensação.



“Eu não gozo a vida” diz alguém. Eles querem tudo feito de um fôlego. Quando lhe fazem essas duas declarações ao mesmo tempo, ambos o cor... coordenam... é a mesma coisa. Isso significa: “a energia tem que fazer isso por mim”. Quer dizer a mesma coisa.

Logo nós temos o sujeito que é *autodeterminado* aqui para cima, quer dizer, ele faz coisas e então é *em parte automático*. E depois é *totalmente automático*. E um sujeito, quando é totalmente automático, por definição nossa está morto. Ele está mais morto do que um carapau seco. Qualquer coisa pode maneja-lo, embalsamadores... qualquer coisa.

Agora em percepção, o que é que quero dizer aqui quando digo que ele *coloca a percepção*? Sim, sim, ele... ele lança coisas para que sejam percebidas. Ele sabe com tanta certeza como as coisas seriam percebidas que se entrasse na escala e usasse energia nessa medida, poderia colocá-las e saber como aconteceria sem inspecção.

Já viu um campeão de golfe a andar... quer dizer um realmente bom, andar pelo campo, pôr a bola no chão e dar-lhe uma tacada e simplesmente meter o taco no saco e começar a andar pelo fairway abaixo? Ele sabe que a bola está a 160 m, na relva. E nem olha. Que nível de auto-confiança! Bem, é só isso.

Logo, você pode colocar a percepção para longe, sabe o que lá está, e além disso sabe que nenhuma percepção que não lhe interesse o poderia atingir. Você só... nenhuma tensão em percepção. Você nem sequer se preocupa em apercebê-la. Trata-se de um nível de sabedoria.

Bem, aqui abaixo, porque você elegeu tudo... você elegeu coisas para serem cinquenta por cento automáticas. Você tem que aperceber cerca de cinquenta por cento das coisas, mas ainda sabe que quando se apercebe *coloca a percepção e então recebe-a outra vez*.

Você... você... você está bem consciente do facto que quando quer sentir a alegria daquela pessoa põe alegria nessa pessoa, e depois experimenta a alegria. Agora você pode pôr qualquer outra coisa naquela pessoa. Você pode pescar no escuro, por assim dizer, e tomar o ponto de vista daquela pessoa e descobrir como ela está a aperceber a vida. Faça um teste, então você saberá qual a sua emoção, sentimento ou ideia sobre a vida e não terá que tomar este passo relativamente desnecessário de pôr uma emoção na sua corrente de consideração sobre a vida para descobrir como ela a vê. Você sabe como ela a vê. Não tem que chegar lá e injectar uma emoção para que a possa sentir. Isto está ao nível da ideia.

Então você descobre a sua ideia de acordo, simplesmente expandindo ou estendendo-se na sua direcção numa base de acordo, descobrindo esse acordo, qual a sua linha de comunicação, o que ela está a sentir em termos de emoção. E substituindo e usando aquela ideia, você substitui essa emoção e então recebe-a outra vez. Você poderia sentir o que ela estava a sentir, e essa é a maneira de obter contra-emoção em 22 ou 18 na escala de tom. É a única maneira de poder sentir a contra-emoção.

Você obteve a ideia de que esta pessoa deveria estar triste, ela está a olhar para os... um destroço e por isso deveria estar triste, logo você teria que estender à sua cadeia um sentimento de tristeza, e então reexperimentaria a tristeza dela. E você diria: “eu sei que ela está a sentir tristeza”. Você saberia ao mesmo tempo que teria que pôr ali um pouco de tristeza para poder senti-la.

Agora, lá em abaixo na escala de tom, você olha para ela e diz: “ela está triste”. Você vê, por esta altura tudo é automático. Você apenas olha para alguém e sabe que deve estar triste, logo você sente a sua tristeza. E você omite o facto de que montou circuitos que automaticamente instalaram nela a sensação de tristeza, de forma que a possa sentir outra vez. Você não a inspecciona em absoluto em termos de ideias.

Já teve esta experiência na sua vida: “devia ficar furioso com isto” e então enfurecer-se? Examinemo-lo de um ponto de vista analítico... você diz: “bem, eu devo enfurecer-me com isto,” e enfurece-se.

Bom, de facto, num nível um pouco inferior a este, um indivíduo entra neste tipo de linhas. Ele olha e ele... quer dizer, perdão, num nível **mais alto** do que esse, “colocar e perceber”, ele examina esta situação e diz: “aquela menina deve estar a sentir uma grande felicidade

de”. Logo ele diz: “vejamos, certo, eu vou sentir a grande felicidade dessa menina,” e assim faz. Ele obtém a emoção da grande felicidade da menina. Não é agradável? Em grande.

Pouco depois e à medida que baixa na escala, você achará este mesmo indivíduo tão alterado nisto de colocar e perceber e por aí fora, que ele vê esta menina e diz: “Oh, desejo que ela se sinta feliz, estou tão cansado da tristeza que vem dela”.

Ah, isto é alguma coisa que você... é quase tão idiota como o tipo que está deitado no pavimento com um pedregulho no estômago. Ele não está de forma alguma ferido, tem é o pedregulho no estômago. E você diz: “Hã... eh pá, hã... o que é que se passa consigo? porque é que está a gemer?” “Tenho um pedregulho no estômago”. E você diz: “e porque é que não o tira daí?”

Isto surgir-lhe-ia como uma ideia totalmente chocante. Obviamente outra pessoa teria que vir e tirar-lhe o pedregulho do estômago.

Bom, é o mesmo que: “eu oponho-me a toda esta gente que se sente triste. Oponho-me a toda esta gente que se sente transtornada”. Aquilo a que ele realmente se está a opor é á uma urdidura em cruz, você... você repara que para o que eles estão a olhar e o que eles vêem... a sua ideia é que as coisas estão tristes. Você sabe disto investigando a situação, olhando simplesmente para o que eles estão a olhar, e você pode de facto testar o seu acordo e descobrir o seu nível de acordo naquele momento. E você diz que eles estão... eles estão... o postulado no qual eles estão a operar é tristeza.

Agora, além disso, você foi lá pôr uma corrente de tristeza, a corrente voltou e você pôde sentir a tristeza. Este é um truque que você faz. Então esconde isto de você próprio e diz: “ena, como essa gente se sente triste, e eu sinto esta grande tristeza invadir-me”.

É um truque muito interessante, e o seu preclaro é... é tratado a este respeito simplesmente mandando-o fazer mock-ups de coisas e colocar nelas emoção. Não importa quão entediado ele possa parecer, ou qualquer outra coisa, quando o manda fazer isto você manda-o fazer isto, e volta a mandá-lo fazer isto, ele começará a sentir à sua volta alguns pings e bangs e toda a espécie de coisas, à medida que os seus circuitos de automatismo começam desligar-se dele. Então ele permanece numa situação bastante estranha de andar... tão sossegado que a princípio você pensa que... a princípio você pensa que todas estas coisas eram necessárias.

Um tipo caminha pela estrada, e tem que andar 130 km ao sol, leva um grande rolo ao ombro e um grande pacote às costas, e há um cinto com muitas coisas penduradas e um chapéu com muitos pendentes. E há abridores de latas e botas sobressalentes e todo esse tipo de coisas, e há um grande rolo de mantas. É um verão quente, estão a ver? Ele tem um grande rolo de mantas, e você chega ao pé dele e diz: “eh, para que é essa tralha toda?”

E ele diz: “bem eu... eu posso precisar de alguma coisa. Posso vir a precisar de qualquer destas coisas. Eu... eu... eu apenas não me atrevo a deixar nada disto”. É claro, você vê-o morto na estrada a vinte metros dali com uma insolação. Mas hã... ele obviamente precisava de tudo, não precisava? Hã... ele só levava aquilo porque pensava que não o poderia criar em qualquer altura.

Agora é bastante perturbador para a seu preclaro. De vez em quando... o seu preclaro entra numa situação em que começa a colocar percepções em tudo e muito conscientemente.

Está muito, muito consciente disso, e começará a lutar para sair fora. Porquê? Ele está cercado pela ideia de que deve ser automático, e começará a lutar para sair logo disso, e para ir outra vez para dentro, e outra vez para fora.

Ele flutuará de um lado para o outro porque está na corrente... poderia dizer-se, em contacto com a ideia de acordo em toda a linha. E ele tem medo de arrancar daqui. Bem, ele pode ir, mas também pode voltar, por isso mostre-lhe que pode fazê-lo.

Agora, uma das coisas do automatismo é o facto do espaço da pessoa ser criado para ela. Essa é boa! Ficar sempre à espera que outrem crie o seu próprio espaço. Você espera que a esposa crie o lar, você espera que o marido arranje o recreio, e isto é aquilo. Você simula um... isso são só manifestações de baixo nível. Quando estou a falar de espaço, quero dizer espaço real, cariar espaço real. E há... uma das coisas mais interessantes que pode mandar um preclaro fazer é inverter o automatismo da criação de espaço, mandando-o apanhar e colocar num lugar na frente dele, ou à volta do pescoço do corpo, ou como quiser, todas as áreas em que viveu nesta vida.

Você diz: “lança dois pontos âncora. Certo. Põe a tua primeira casa de infância no meio deles”.

“Já está”.

Você diz: “certo. Sem remover a casa de infância, agora vamos pegar na tua primeira escola e colocá-la no meio disso”.

Ele dirá: “mmm (arrepinado) sim, sou capaz de fazer isso”.

Você diz: “certo. Agora vamos pegar na área do teu primeiro emprego e colocá-la no meio disso”.

Criiiks. Você está só a fazê-lo empilhar os seus velhos pontos âncora. Eles não lhe servem de nada, de qualquer maneira.

E você... até que... você obtém alguns que viveram em dúzias e dúzias e dúzias de lugares, e todos esses lugares são empilhados, um por cima do outro. Eh pá, ele está a juntar tudo. Ele sabe que esta coisa toda vai explodir, ele sabe que vai ficar em pedaços. É a mais maldita das sensações, a de tentar juntar tudo aquilo.

E você diz: “certo. Que desandem para onde quiserem”.

E ele é capaz de dizer coisas como: “bem as linhas estão agora todas estiradas, e não voltarão para trás”. Você diz: “não o quê?” “Bem, elas simplesmente não voltam para onde deveriam”.

Você diz: “eu não disse que voltassem atrás para onde deviam, isso é automatismo”. Ele fica à espera que de súbito estes lugares, agora.... ele vai se sentar e esperar que eles se substituam a si próprios. É algo como... quase pode acontecer tanto... é quase tão provável como você chegar a casa cansado, atirar com as roupas para o chão e elas levantarem-se e irem para os cabides enquanto você está a dormir. Elas não irão.

Logo você... você pega nestas coisas e... ele tem que mandar cada uma delas de volta. E ele começará a praguejar pouco depois, porque apanhou estas coisas (lugares) negligente-

mente. Apenas agarrou nestas coisas e trouxe-as para ali, e não pode descobrir totalmente como as obteve, onde pertencem, e começará a expressar toda esta preocupação com elas.

E agora você manda-o criar alguns lugares, e apenas atirar com eles lá para dentro para provocar casualidade. “Agora faz de conta que viveste uma vez a... no hã... Capitólio em Washington. Certo. Agora faz de conta que moraste no Palácio de Buckingham. Agora faz de conta que estavas no topo da Torre de Eiffel e põe lá esse espaço”.

“Oh”, diz ele: “mas olha para... aquele espaço é dimensional. Não se pode também lá meter”. E você diz: “bem, põe lá a Torre Eiffel e agora começa a rodeá-la com a tua casa de infância, com tua primeira escola, com a faculdade” com isto, com aquilo, e assim sucessivamente. E ele rodeará tudo. Ele dirá: “nunca os voltarei a ter outra vez”.

“Certo, rodeia bem a Torre Eiffel e teremos tudo empilhado. Agora tira o primeiro e volta a colocá-lo”.

“Esqueci-me de qual foi o primeiro”. Você diz: “bem olha para ele”.

E ele dá uma olhada nisso e diz: “bom, está certo”. E tem que passar outra vez pelo sarilho de pôr tudo no lugar.

E vejam lá que ele pode juntar todos estes lugares. Ele diz: “que diabo, eles são apenas pontos âncora. Eu posso criar pontos âncora melhores do que esses”. E todo este sentimento de perda, e assim sucessivamente, que ele tem andado a “enfardar” toda a sua vida sentindo-se tão perdido, vai pela borda fora. Também a infância saltará à vista e voará como ingrediente desnecessário.

O automatismo, em termos de espaço, é outrem prover pontos âncora para você... nomeadamente o universo MEST. O universo MEST é muito simpático a servir-nos. Presta-nos um bom serviço. Dá-nos tudo. Fornece-nos uma abundante percepção de energia desde que estejamos dispostos a receber uma percepção abundante de energia. E proporciona todas as espécies de ideias combinadas de outras pessoas a fazer isto, ficando você de acordo com as outras pessoas. Desde que você fique de acordo com as outras pessoas, os objectos permanecerão lá para seu uso, e é claro você precisa deles. Obviamente... você precisa deles. Sim senhor.

Você sabe que se fala de teletransporte. Você não tem que se preocupar muito com teletransporte. Isso foi um... um sonho muito anterior à escrita do Homem. Eles arrastam... arrastam o corpo para aqui e arrastam o corpo para além e assim sucessivamente.

É como velho do mar. A lenda do velho do mar, o velho do mar agarra-se às costas de Sinbad e não o larga. Bem, é tipo... é pior do que isso, ter um... ter um corpo, porque o corpo está... está ali e você nem sequer sabe que você está ali. Mas se começar a reabilitar isto, bem, começa a andar com o corpo às voltas. Não haverá de facto nada mais fácil do que apagar o corpo pelo pescoço com a certeza de que não o estrangula e hã... arrebatá-lo e colocá-lo em qualquer lugar, dando pontapés numa porta, sentando-o numa cadeira e suavizar tudo de forma que o que está a fazer possa ser devidamente observado ... o que deve estar a fazer.

Se contudo começar a fazer isso, você sairá para fora do que se poderia chamar corrente de acordo ou consciência de ideias e acordos interligados. Você não tem nada que os ter. Não tem que prestar qualquer atenção ao acordo de qualquer pessoa mas, você concordou.

Sabe que é realmente melhor hã... nós descobrirmos o que o outro pensa e hã... fazermos isto e fazermos aquilo. E é realmente melhor não interrompermos os outros quando estão a falar e dar-lhe uma oportunidade. Isso é tudo acordo nesta linha e contribui para o automatismo.

Certo, espero agora que você possa trabalhar isto com processamento criativo. Acho que não vou dizer muito mais sobre automatismo. Mas saibam que estas notas se ajustam, é claro, a começar, parar e mudar, a ser, ter e fazer, a espaço, energia e tempo. Isto é só um conjunto adicional de ciclos que entram noutros ciclos, amarrando um pouco mais o pacote da experiência do Homem neste universo, e a experiência que o Homem e o Thetan representam.

Vamos fazer um intervalo.

(FIM da FITA)